

Editorial

“Educação, modernidade e pós-modernidade” é o tema central do presente número da revista *Espaço Pedagógico*, que é tratado em alguns artigos de forma direta e, em outros, indiretamente, através de autores que fazem parte de uma ou outra tradição. As polêmicas em torno da modernidade e pós-modernidade não são poucas nem fáceis de serem resolvidas. Importantes esforços foram e estão sendo feitos para distinguir a modernidade da pós-modernidade. Mesmo sendo um debate necessário, o desafio é identificar as questões que foram formuladas ao longo dos tempos por diferentes autores. Apegar-se de modo dogmático a uma ou outra pode ofuscar as questões e as proposições feitas em relação aos grandes desafios locais e globais.

A ciência se constituiu e está avançando de modo polêmico. A polêmica implica a capacidade de discernimento e de diálogo. O diálogo, por sua vez, exige o reconhecimento da diferença e a predisposição para o confronto. O que se evidencia em muitos espaços acadêmicos é a afirmação de uma ou outra tradição, não o diálogo. Não dá para negar a existência de tensões e contradições entre os princípios e valores que derivam da tradição moderna e os emergentes no contexto da pós-modernidade. O problema é como se enfrentam essas questões.

Nesse contexto, um dos grandes desafios, principalmente para as ciências humanas e sociais, é manter uma postura aberta ao diálogo e qualificar os instrumentos teórico-metodológicos utilizados para analisar as transformações que estão se processando em praticamente todos os campos da vida social. Para além da compreensão do que está ocorrendo, é fundamental interrogar para onde essas mudanças estão caminhando. Que razões dão sentido e rumo para elas? Que perspectivas antropológicas estão sendo propostas? Quais as possibilidades de organização da vida social tendo como horizonte processos emancipatórios? Ainda é possível pensar a educação (formal, informal e não formal) enquanto formadora de sujeitos críticos e emancipados?

Uma das principais tensões que se fazem presentes no debate entre a modernidade e a pós-modernidade diz respeito à objetividade e à subjetividade. Uma das principais críticas da pós-modernidade à tradição moderna é a pretensão da modernidade em fundamentar o conhecimento e as ações objetiva e

racionalmente. Na formulação dessa crítica dá-se um *status* importante para a subjetividade. Evidentemente, essa tensão não desaparece com os discursos que afirmam um ou outro posicionamento. Pelo contrário, põe em evidência a necessidade de um diálogo que seja capaz de formular uma crítica consistente ao objetivismo e à racionalidade instrumental e, ao mesmo tempo, aponte para os limites do subjetivismo, que busca destituir a razão de qualquer possibilidade reflexiva. As tendências que acentuam de modo excessivo a subjetividade correm o risco de não conseguirem formular alternativas para os problemas contemporâneos, que exigem intervenções refletidas e articuladas, ou seja, organizadas e fundamentadas teórica, racional e politicamente. A dimensão da subjetividade é fundamental, mas é preciso estar atento para não cair em subjetivismos. As subjetividades se constituem por meio de um conjunto de relações sociais, econômicas, políticas e culturais. O sujeito não existe isolado das interferências externas, pelo contrário, convive com elas cotidianamente e com distintas intensidades.

Num contexto em que muitas transformações ocorrem de modo rápido e os processos de transmissão de informações ganham velocidade inimaginável há alguns anos, é preciso cuidado para não idolatrar o fugaz e o volátil. Questões postas pela modernidade em relação ao sujeito e aos destinos da humanidade ainda têm sentido e precisam ser retomadas permanentemente. De um lado, é preciso reconhecer que as mudanças que estão ocorrendo interferem profundamente na vida das pessoas e na definição de políticas, mas, de outro, é preciso estar atento para não cair nas ciladas dos discursos simplistas que respondem apenas momentaneamente. Questões que dizem respeito aos rumos da humanidade não podem encontrar respostas simples. São questões locais que se tensionam com as tendências globais, e dessa tensão emergem novas práticas sociais, bem como novas políticas, especialmente para o campo da educação.

Diante das questões emergentes na atualidade que dizem respeito aos valores e aos rumos da humanidade, não se podem propor alternativas contingenciais que buscam responder apenas às situações conjunturais. Dada essa complexidade, é fundamental, conforme apontado inicialmente, uma postura aberta, que seja capaz de fazer enfrentar as questões locais e globais, as questões objetivas e subjetivas, os interesses privados e públicos, etc. Nesses movimentos contraditórios não há espaço para determinismos ou dogmatismos de qualquer natureza. Por isso, recaem sobre a educação, especialmente a formal, responsabilidades que exigem respostas consistentes e fundamentadas. Nesse contexto, se a escola conseguir reverter os determinismos atribuídos ao mercado, predominante na atualidade e forjar sujeitos críticos com capacidade para olhar o passado e nele reconhecer as experiências vividas, muitas das quais silenciadas, estará desempenhando seu papel fundamental.

Para que isso ocorra é preciso questionar profundamente os discursos lineares da modernização e do progresso, extremamente sedutores, bem como responsabilizar os sujeitos em relação à abertura para novos horizontes e possibilidades. Essa perspectiva colide com certas tendências dominantes na atualidade que privilegiam o imediato e o fugaz. O desafio é voltar ao passado não para buscar respostas formuladas para outros contextos, mas para recuperar da história as questões que foram sendo elaboradas pela humanidade, de modo especial, pela modernidade. É preciso reconhecer os limites de qualquer tradição, o que não significa negar as possibilidades que lhe são inerentes.

Os textos que constituem o presente número ajudam a aprofundar algumas dessas questões, ao mesmo tempo em que problematizam e apontam para a possibilidade de políticas transformadoras. Desejamos, com isso, contribuir para aprofundar o debate e, ao mesmo tempo, fortalecer uma perspectiva crítica e aberta ao diálogo.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à professora Malu Almeida pela sua colaboração intensa em reunir artigos que foram incorporados nos últimos números da revista *Espaço Pedagógico*. O seu empenho tem sido fundamental para contribuir na qualificação da revista na medida em que pesquisas importantes estão sendo socializadas. São pesquisas que tratam de questões fundamentais da vida social, política e educacional e desenvolvidas por autores de diversas instituições. Tudo isso ajuda a qualificar a revista.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Telmo Marcon
Editor